

**PROVOCAÇÕES SOBRE A
PRODUÇÃO DO FEMININO NO
COTIDIANO INSTITUCIONAL DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

*Fernanda de Camargo Machado • Bruna de Assunção
Medeiros • Andréia Dalenogare Bueno*

Introdução

Temos vivenciado no Brasil, desde os últimos dez anos, um reavivamento das práticas políticas chamadas pós-feministas. Diante da proliferação de novos espaços de circulação, produção e divulgação de informações, como a internet, aplicativos e redes sociais, vivenciamos um *boom* de notícias que colocam em pauta a construção das identidades femininas nesse novo cenário mundial.

Diante do novo contexto de reavivamento do caráter militante que os estudos de gênero têm tomado, este capítulo se propõe a versar sobre como alguns discursos — tomados como práticas de significação — constroem a noção do feminino no contexto da educação profissional e tecnológica. Em outras palavras, considerando a especificidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, na qual se encontram diferentes formas de oferta de cursos e níveis de ensino, e, por consequência, uma enorme diversidade de sujeitos e concepções culturais, vemos um novo enredo de nomeação de subjetividades. Assim, este trabalho provém da experiência analítica de um conjunto de frases de teor sexista ouvidas por mulheres no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar).

Durante o período de um mês, no início do ano de 2017, as Coordenações de Ações Inclusivas (CAIs)¹ garimparam junto às mulheres de todos os segmentos (estudantes, docentes, técnico-administrativas em educação e em regime de terceirização) frases que elas consideram agressivas, sexistas e machistas. Com Colling & Tedeschi, entende-se que, “uma ideia ou comportamento será considerado sexista no momento em que o gênero masculino estiver se sobrepondo ao feminino, construindo uma atmosfera de depreciação ou estigmatização” (2015, p. 602).

A análise da episteme contemporânea permitiu visualizar, por meio de algumas dessas frases, o *ballet*, por assim dizer, dos enunciados discursos sobre a mulher, sua posição, suas habilidades e possibilidades. Em outras palavras, enunciações — indicadas pelas respondentes como machistas — já conhecidas reaparecem com fôlego, assim como emergem novas representações que nivelam a mulher como um sujeito hierarquicamente inferior.

A intenção do trabalho não foi realizar um nivelamento do preconceito que circula na instituição. A ideia central foi não somente trazer à baila a sensação de desconforto sentido pelas mulheres diante de tais frases, mas, sobretudo, desnaturalizá-las. Quando demarcamos os discursos e os dissecamos historicamente, permitimos que se desmantele uma suposta noção essencial de que haveria uma posição subalterna natural a ser ocupada pelas mulheres.

¹ Essa coordenação é regulamentada pela Resolução CONSUP nº 015/2013, sendo que há uma CAI em todos os campi da Instituição e uma na Reitoria. Tem por objetivo principal, em consonância direta com os objetivos da Gestão Institucional prevista no PDI, colaborar para a inovação e aperfeiçoamento do processo educativo e zelar pela correta execução da Política de Diversidade e Inclusão do IFFAR, com vistas a garantir o acesso, a permanência e a formação qualificada de todos os sujeitos.

Para tanto, o capítulo vale-se dos andaimes teóricos e metodológicos qualitativos, próximos dos Estudos Culturais em Educação, para empreender o estudo. Em especial, a noção de prática discursiva, cunhada por Michel Foucault, aparece como uma importante alavanca analítica no estudo que segue.

Metodologia

O IFFar, cujos sujeitos foram chamados a colaborar com as frases-alvo da pesquisa, é um dos três institutos federais situados no estado do Rio Grande do Sul. Organiza-se em onze unidades, que abrangem a fronteira oeste, centro e noroeste desse estado. Historicamente, o Rio Grande do Sul carrega uma rede de significados que posicionam o masculino — concebido como viril, másculo, ativo — no centro da organização das relações sociais.

Além disso, a construção do povo gaúcho como guerreiro, constituído por meio do par homem/mulher, leia-se provedor/receptora, ainda circula em enunciações atuais, tais como propagandas, movimentos e anúncios. Para além desses espaços, um importante nicho de proliferação de discursos é disperso no tecido social e, muitas vezes, negligenciado, dada sua difusão em espaços não formais. É o caso das frases que se escutam pelos corredores, por exemplo.

Diante disso, considerando o quanto frases podem ser elementos produtivos para pensar os significados que regem a construção das imagens do feminino no cotidiano institucional, buscou-se pensar numa forma de coleta, organização, análise e divulgação de sentenças com teor sexista na instituição.

Partindo da premissa que os Institutos Federais, por meio da Política de Inclusão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, têm como responsabilidade o reconhecimento das desigualdades e a valorização da diversidade, propôs-se uma ação conjunta entre as Coordenações de Ações Inclusivas (CAIs) e os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) lotados nos *campi* da Instituição.

Nesse contexto, a ação que desencadeou essa pesquisa constituiu-se na coleta de frases de teor sexista junto às mulheres da instituição (estudantes, docentes e técnico-administrativas em educação). Objetivou-se, por meio dessa ação, problematizar o espaço destinado às mulheres na contemporaneidade como uma forma de mostrar o quanto ainda precisamos demarcar para, então, desconstruir o preconceito de gênero, na busca por refletir como produzimos a noção de masculino/feminino.

Além da vontade de dar voz aos sujeitos, no sentido de empoderá-los a divulgar frases desconfortáveis em relação ao preconceito de gênero, este trabalho teve como propósito colocar na vitrine o quanto ainda é necessário

o debate acerca dos significados tomados como machistas no cotidiano educacional. Ademais, para além da simples “denúncia” de uma parte do que é ouvido, buscou-se eleger algumas categorias de análise com vistas a compreender a produção histórica envolvida na circulação desses enunciados.

Este estudo caracteriza-se, então, por uma abordagem de pesquisa qualitativa, em que o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo. De acordo com Gil (1995, p. 42), o objetivo principal de uma pesquisa é “descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Os andaimes teórico-metodológicos estão calçados nos Estudos Culturais em Educação, em especial, na noção de discurso, de Michel Foucault, além de contribuições de estudiosos do campo dos estudos de gênero, ou ainda, o que alguns chamam de estudos feministas, como Beauvoir (1980), Colling (2014) e Louro (2002), os quais serão esmiuçados adiante.

Para tanto, foram coletadas 56 frases, tendo como colaboradores, nessa atividade, a Reitoria e duas Unidades Administrativas². A seleção das frases realizou-se na CAI/Reitoria, tendo, como critério de exclusão, as frases que se repetiam. Para efetivação dessa ação, as referidas frases fizeram parte de uma exposição durante todo o mês de março de 2017 nos espaços onde foram coletadas, tendo também sido compartilhadas no e-mail e no Facebook da CAI Reitoria.

A análise dos dados ocorreu mediante análise de conteúdo categorial, que, segundo Bardin (2006, p. 38), consiste em

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Assim, para este estudo, utilizaram-se somente algumas das frases para análise, sendo elencadas três categorias, a partir dos enunciados/pontos fortes, das recorrências discursivas que mais se destacaram, o que determinou as seguintes categorias: **a) Mulher reduzida a um corpo para deleite alheio;** **b) Docência comparada à maternidade e c) Suposta inabilidade das mulheres para o mundo do trabalho na comparação com os homens;** as quais serão apresentadas nas análises dos dados. Convém destacar que, para fins de destaque e diferenciação das referências, as frases analisadas estão grifadas em itálico.

² Convém mencionar que os demais *campi* foram convidados a participar, embora nem todos tenham conseguido realizar a organização em tempo hábil.

Referencial Teórico

A escolha das lentes teóricas que conduzem este estudo está alicerçada num viés que coloca as práticas culturais no centro do debate sobre as relações cotidianas. Cultura, com Hall (1997), diz respeito às formas pelas quais a linguagem produz a realidade. Nessa órbita, não há nada dado, “a priorizado”, natural. O que há são discursos naturalizados, tomados culturalmente como verdades.

Com Foucault (1995), considera-se que os discursos não são neutros. Pelo contrário, a prática discursiva constitui-se numa prática de significação, estreitamente relacionada às relações de poder e saber historicamente construídas. Dessa forma, afasta-se da noção de naturalidade dos significados, o que permite que sejam compreendidos em sua dimensão imanente.

Em meio a contingências históricas, produzimos e legitimamos conceitos, práticas e posições sociais aos sujeitos, nomeando e regulando seus papéis, possibilidades, habilidades, subjetividades e identidades. É o caso da produção histórica do feminino, que, por meio da análise do viés cultural, ou seja, de sua imersão em redes de saber e poder, permite descristalizar noções tomadas como inquestionáveis. Convergindo com Colling (2014, p. 15),

ao se analisar a história sob uma perspectiva de gênero, questiona-se a validade dos modelos interpretativos existentes, modifica-se a centralidade das análises hegemônicas, tornando visível o androcentrismo do discurso científico e histórico tradicional.

Muito mais do que fazer uma suposta defesa do gênero feminino, o que se buscou com esta investigação foi compreender as nuances que produzem um lócus, uma essência à noção de feminino, como se esse fosse parametrizado unicamente por uma entidade biológica. Essa discussão tem início, especialmente com o trabalho icônico de Simone de Beauvoir, na década de 1950.

Simone não dispunha do termo gênero, mas ela conceituou gênero, ela mostrou que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher e, por conseguinte, ninguém nasce homem, mas se torna homem, ou seja: ela mostrou que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. As pessoas aprendem a se conduzir como homem ou como mulher, de acordo com a socialização que receberam, não necessariamente de acordo com o seu sexo. (MOTTA; SARDENGERG; GOMES, 2000, p. 23).

Nessa constelação, vimos emergir uma série de estudos, no âmbito dos Estudos Culturais, que buscam inspiração em Beauvoir e outros

pensadores, para problematizar o caráter construído que as posições desiguais entre mulheres e homens assumem no circuito cultural.

Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como marca de nascença. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas. (LOURO, 2002, p. 14).

Ademais, os estudos feministas, na linha dos Estudos Culturais em Educação, buscam compreender os vetores de composição da noção de feminino, a partir de análises que se voltem à produção discursiva em suas imbricações com questões econômicas, socioculturais e políticas.

É importante destacar que, no âmbito deste estudo, as frases coletadas são tomadas, classificadas pelas respondentes como machistas, sexistas. Elas também nos dão o tom do que se toma por machismo na dinâmica cultural analisada. No entanto, convém ressaltar que, para fins de problematização e análise, não estamos opondo machismo ao feminismo. Pelo contrário, tomamos o feminismo como um movimento de resistência e militância, de luta política e conceitual, voltado à igualdade de gênero. Tomamos, de outro lado, o machismo como um conjunto de enunciados que posicionam as mulheres numa relação de inferioridade diante dos homens.

Provocações

a) Mulher reduzida a um corpo para deleite alheio

Nos dias atuais, por mais que se proliferem discursos sobre a inclusão da mulher na sociedade, sobre seus direitos, bem como sobre a igualdade de gênero, é surpreendente perceber que ainda vivemos em uma sociedade machista, absorvida por atitudes preconceituosas, por vezes veladas ou até mesmo "escancaradas", como sugerem as seguintes frases: *"Aquela guria rodeada de macho só pode ser puta."* [Aluna]; *"Foi estuprada porque provocou."* [Aluna]; *"Essas meninas não se dão mais o respeito e ainda querem reclamar."* [Aluna].

Nesse viés, Louro (2008, p. 22, 23) nos incita a pensar essas questões, referendando que

aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de

experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra.

É importante demarcar, dessa forma, que grande parte dos discursos sobre gênero de algum modo inclui questões de sexualidade, o que se evidencia com as seguintes frases: *“Que 200 milhas!” (comparação entre uma mulher bonita e o animal)” [Aluna]; “Mas é loca de cavala.” [Aluna]; “Que loira boa, imagina na cama.” [Aluna]; “Ah, ela é boa. Essa aí dá para pegar.” [Aluna].*

Nota-se, assim, que impera aqui o caráter sexista e preconceituoso, refletido em atitudes negativas e apelativas dirigidas às mulheres, principalmente quando comparadas a animais e objetos sexuais. Conforme Colling & Tedeschi (2015, p. 135),

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também o seu entorno, ou seja, a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam os silêncios que por ele falam e a educação de seus gestos. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele são associados.

Nesse viés, entende-se esse como um comportamento sexista o momento em que o gênero masculino tenta se sobrepôr ao feminino, através da depreciação e da estigmatização, apresentando uma relação de supremacia dos homens em relação às mulheres, colocando-as em um papel de submissão e inferioridade. De acordo com Colling & Tedeschi (2015, p. 603), “as ações produzidas por homens e mulheres, como são resultados da cultura em que estamos inseridas (os), acabam reproduzindo os pensamentos e ações sexistas que a cultura também constrói na sociedade ainda patriarcal em que vivemos”.

Convém lembrar que, no âmbito da instituição estudada, há cursos técnicos de nível médio, ou seja, as estudantes ainda adolescentes têm escutado frases sexistas, proferidas, inclusive, pelos colegas também adolescentes. Diante disso, salienta-se a relevância de um trabalho acentuado no que se refere à descristalização dos preconceitos de gênero.

b) Docência comparada à maternidade

A docência durante muito tempo foi praticamente a única profissão que as mulheres puderam exercer, sendo que os demais campos profissionais lhes eram vedados. Dessa forma, a profissão docente foi fundamental na conquista da

independência das mulheres, principalmente, as das classes médias e populares, que encontraram no magistério um meio de garantir sua independência financeira. Segundo Almeida (1998, p. 23),

O fato de não ingressarem nas demais profissões, acessíveis somente ao segmento masculino e a aceitação do magistério, aureolados pelos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse.

Assim, por muito tempo, considerou-se a docência uma atividade mais adequada às mulheres, com a alegação de que o suposto instinto maternal traz certas aptidões à profissão, tais como “carinho, amor, docilidade, compreensão, paciência, abnegação, comunicabilidade, meiguice, dedicação, etc” (LOPES, 1991).

Na frase: “*Seja mais carinhosa e maternal*” dirigida a uma docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, percebe-se claramente essa vinculação da profissão, ou seja, da atuação docente ao ofício de “mãe”.

A feminização da docência pode ser compreendida como um processo formado por duas dimensões: (1) o aumento massivo de pessoas do sexo feminino no ofício (*feminilização*); (2) identificação das características desse ofício como eminentemente femininas (*feminização* propriamente dita), o que inclui o valor social conferido ao mesmo. (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 176).

Contudo, segundo Louro (1997), gradativamente, as mulheres passaram a ocupar também outras atividades laborais, que eram, quase sempre rigidamente controladas e dirigidas por homens, sendo consideradas profissões secundárias, de apoio, ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação, relacionando-as muitas vezes a questões maternais.

De outro lado, com a frase “*Mulheres são muito sensíveis para cargos de direção*”, observa-se a dominação masculina/patriarcal com a qual as mulheres conviviam, e ainda convivem, limitando, assim, sua liberdade e autonomia, comprometendo suas conquistas pessoais e profissionais.

Entende-se, desse modo, em consonância conforme Louro (1997, p. 17), que “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”.

É essa invisibilidade que vem sendo produzida nos múltiplos discursos construídos sobre gênero. Afinal, o discurso não apenas enuncia, mas seleciona algumas enunciações em detrimento de outras. É nessa órbita que os discursos também produzem invisibilidades. Tais discursos, segundo Reis (2011, p.

19), exercem grande poder sobre a organização social e as relações entre os sujeitos e, apesar de passarem por naturais, são construções arbitrárias que, simbolicamente, violentam os sujeitos no exercício da liberdade de “ser”.

Foucault (1995) reitera que o poder é exercido microfisicamente no cotidiano das práticas, ele se enreda ao saber para nomear, classificar, posicionar sujeitos. Dessa forma, ao balizar a docência como uma profissão essencialmente feminina, há um duplo jogo de naturalização tanto da profissão quanto da suposta sensibilidade de todas as mulheres. A marcação das mulheres como sujeitos frágeis é uma porta aberta para a produção tanto da docência como do feminino como subalternos.

c) Suposta inabilidade das mulheres para o mundo do trabalho na comparação com os homens

Diante das seguintes frases: *“Existe 86% de meninos no curso de agropecuária, porque é óbvio, né, é um curso de agropecuária!” [Docente]; “Menina no curso de agropecuária nunca vai se empregar.” [Aluna]; “Esse seu curso é para mulheres também?” [Aluna]; “Mulher não pode fazer engenharia agrícola.” [Aluna]; “Você por ser mulher ganha bem”. [Docente]; “Ah, mas tu é mulher!” [subestimando Servidora], observa-se uma forte tendência machista e preconceituosa em relação às mulheres, apontando de maneira muito direta que estas não possuem as mesmas habilidades que os homens no mundo do trabalho.*

Diante da premissa assumida pelos Institutos Federais de que o trabalho é um princípio educativo, convém emitir luz a essas frases que de antemão cerceiam esses espaços de atuação às mulheres. A esse respeito Louro (1997, p. 21) nos traz que

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Sendo assim, o poder que foi conferido aos homens no decorrer da história, exercendo o papel de principal provedor do lar, vem passando por transformações a partir do momento em que as mulheres começam a ocupar esse papel. Colling & Tedeschi (2015, p. 438) apontam que “na ampla maioria dos agrupamentos humanos a masculinidade foi associada ao poder, é um indicativo de poder, quando não de superioridade em relação à feminilidade, vista muitas vezes, como rebaixamento e inferioridade”.

A inserção da mulher no mercado de trabalho ainda é rodeada de desafios e preconceitos, exigindo também uma autossuperação quanto a sua capacidade de desempenhar funções em atividades que anteriormente eram vistas como exclusivamente masculinas.

Nesse sentido, é preciso que haja um distanciamento do que é natural e cultural, no qual homens e mulheres sejam vistos de forma igualitária na sociedade, tendo em vista que ambos são capazes de desempenhar qualquer tipo de atividade, podendo ser distinguidos apenas por diferenças biológicas (ALVES, 2013). O mundo do trabalho ainda constitui-se, desse modo, um dos principais lugares onde essa situação de pré-julgamento se reflete.

Conclusão

A presente pesquisa revelou-se como uma importante possibilidade de se conhecer, em relação ao preconceito de gênero, a realidade vivenciada pelas mulheres do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Diante da analítica realizada, várias categorias poderiam ser elencadas; no entanto, por conta da recorrência, selecionamos frases cujos significados permitiram visibilizar o preconceito de gênero experienciado por estudantes, docentes e técnico-administrativas em educação. Foram elas: a) mulher reduzida a um corpo para deleite alheio; b) docência comparada à maternidade e c) suposta inabilidade das mulheres para o mundo do trabalho na comparação com os homens.

Evidenciou-se, mediante as análises do material coletado, que o reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres e as conquistas da autonomia feminina perante os homens são imprescindíveis na luta contra a violência sexista. No entanto, ainda há muito a ser explorado sobre o assunto. Desse modo, esperamos que essas frases nos ajudem a continuar pensando o quanto a(s) luta(s) contra o preconceito ainda é(são) necessária(s). Acreditamos, portanto, que esta pesquisa possa contribuir para provocar alguns questionamentos e desconfortos que nos direcionam a práticas de reflexão, problematização e diálogos sobre a busca da igualdade entre os gêneros em nosso ambiente de trabalho/estudo.

Referências

ALVES, A. E. S. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 271-289, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. L. de A. Rego e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006. Obra original publicada em 1977.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

REIS, G. L. **O Gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011. 194 f.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LOPES, E. M. S. T. **A educação da mulher: a feminização do magistério**. *In*: SILVA, T. T. Teoria e educação. [S. l. : s. n.], 1991.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Epistemologia feminista e teorização social: desafios, subversões e alianças. *In*: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C. B. (orgs.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: UFPR, 2002.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 19, n. 2, maio/ago. 2008.

MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.